

eISSN: 2387-1555

DOI: <http://dx.doi.org/10.14201/rea201863545>

## O ALUNO COMO UM TODO E SEUS APRENDIZADOS: NOTAS ETNOGRÁFICAS A PARTIR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*El alumno como un todo y sus aprendizajes: notas etnográficas desde la educación de jóvenes y adultos*

*The student as an all and his learners: ethnographic notes from education of youth and adults*

Alef de Oliveira LIMA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

✉ [aleflimaufrgs@gmail.com](mailto:aleflimaufrgs@gmail.com)

Fecha de recepción: 30 de abril de 2018

Fecha de aceptación: 20 de junio de 2018

**RESUMO:** O presente artigo trata da noção de aluno como uma totalidade que se inscreve: material, subjetiva e corporalmente nos processos de escolarização, gerando efeitos nos modos de aprender de cada sujeito. De certa maneira, a categoria de aluno serve para pensar a produção de um sujeito da aprendizagem a partir das normativas escolares. O contexto de problematização do texto recorre aos dados recolhidos por meio de uma etnografia feita com os discentes da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação, vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portanto, utiliza-se da observação participante e do diário de campo como principais dispositivos metodológicos para indagar a noção de aluno em sua dimensão prática. Em especial, visa-se tensionar as diferentes formas em que a ideia de aluno se presentifica na vivência da experiência escolar. O termo aluno, então, passa a ser considerado como um conceito abstrato e plástico que opera na construção e transformação das subjetividades desde instituição escolar. De maneira, que a noção de aluno tem diferentes delineamentos a partir de diferentes suportes, físicos ou simbólicos, práticos ou conceituais. Mas, que produzem modos de se reconhecer e vivenciar as experiências escolares, constituir vínculos e habitar a escola. Portanto, a ideia-aluno se constitui em distintos campos de prática no interior da escola e por esse ângulo elabora uma reflexão potente sobre a condição de estudante e de suas distintas formas de subjetivação. Depreende-se, por fim, que a dimensão de aluno, em suas justaposições de camadas conceituais e práticas, serve ao propósito de situar e contornar as alteridades representadas e sintetizadas pelos discentes.

*Palavras-chave:* Aluno; Totalidade; Etnografia; Escolarização; Antropologia da Educação

**RESUMEN:** El presente artículo trata de la noción de alumno como una totalidad que se inscribe: material, subjetivo y corporalmente en los procesos de escolarización, generando efectos en los modos de aprender de cada sujeto. De cierta manera, la categoría de alumno sirve para pensar la producción de un sujeto del aprendizaje a partir de las normativas escolares. El contexto de problematización del texto recurre a los datos recogidos por medio de una etnografía hecha con los alumnos de la Educación de Jóvenes y Adultos del Colegio de Aplicación, vinculado a la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Por lo tanto, se utiliza de la observación participante y del público diario de campo como principales dispositivos metodológicos para indagar la noción de alumno en su dimensión práctica. En especial, se pretende tensar las diferentes formas en que la idea de alumno se presentifica en la vivencia de la experiencia esco-

lar. El término alumno, entonces, pasa a ser considerado como un concepto abstracto y plástico que opera en la construcción y transformación de las subjetividades desde institución escolar. De manera, que la noción de alumno tiene diferentes delineamientos a partir de diferentes soportes, físicos o simbólicos, prácticos o conceptuales. Pero, que producen modos de reconocer y vivenciar las experiencias escolares, constituir vínculos y habitar la escuela. Por lo tanto, la idea-alumno se constituye en distintos campos de práctica en el interior de la escuela y por ese ángulo elabora una reflexión potente sobre la condición de estudiante y de sus distintas formas de subjetivación. Se desprende, por fin, que la dimensión de alumno, en sus yuxtaposiciones de capas conceptuales y prácticas, sirve al propósito de situar y eludir las alteridades representadas y sintetizadas por los discentes.

*Palabras claves:* Alumno; Totalidad; Etnografía; Escolarización; Antropología de la Educación

**ABSTRACT:** This paper deals with the notion of student as a totality that is inscribed: materially, subjectively and corporately in the processes of schooling, generating effects in the modes of learning of each subject. In a way, the student category serves to think about the production of a subject of learning from school regulations. The context of problematization of the text refers to the data collected through an ethnography made with the students of the Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação, linked to the Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Therefore, participant observation and field diary as the main methodological devices to investigate the notion of students in their practical dimension. In particular, it aims to stress the different ways in which the idea of student is present in the experience of the school experience. The term student, then, comes to be considered as an abstract concept and plastic that operates in the construction and transformation of subjectivities since school institution. Thus, the notion of student has different designs from different supports, physical or symbolic, practical or conceptual. But they produce ways of recognizing and experiencing school experiences, forming bonds and inhabiting school. Therefore, the student idea is constituted in different fields of practice within the school and by this angle elaborates a powerful reflection on the student condition and its different forms of subjectivation. Finally, the student dimension, in its juxtapositions of conceptual and practical layers, serves the purpose of situating and circumventing the alterities represented and synthesized by the students.

*Keywords:* Student; Whole; Ethnography; Schooling; Anthropology of Education

## 1. INTRODUÇÃO

Durante uma experiência de Iniciação à Docência, nas escolas da rede pública estadual, escutei uma frase curiosa, usada pelos professores para se referir aos estudantes em um tom jocoso. Era mais ou menos assim: “Não existe nada mais parecido com gente do que um aluno». A referência parece suscitar uma diferença qualitativa entre a ideia de «ser gente» e «ser aluno». Mais do que isso, a sentença proferida aposta na figura do aluno como uma alteridade, isto é, uma forma social que designa a condição dos estudantes dentro do contexto escolar. Mas, que na prática não lhes confere um estatuto de pessoa (de gente). Trago esse pequeno caso no sentido de uma introdução ao assunto do presente artigo, a saber, a noção de aluno como uma totalidade «ativa» que se inscreve corporal, subjetiva, imaginária e materialmente nesses «frequentadores da aula».

O contexto de problematização é a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todos os dados etnográficos utilizados são supridos pela minha dissertação de mestrado feita com uma turma dessa escola. Portanto, grande parte da reflexão se origina da observação participante feita durante quase doze meses de trabalho de campo, frequentei as aulas, participei dos exercícios em equipe e dos diversos projetos ofertados. A EJA, dentro do cenário de políticas educacionais brasileiras, é produzida a partir da pactuação entre as diversas esferas de poder público (estadual, federal e municipal). Suas principais características vinculam-se a possibilidade de restituir aos sujeitos que, por alguma razão, saíram da escola, o direito à Educação (PAIVA, 2009).

Depreende-se que a peculiaridade dessa modalidade de ensino regular atende a uma dívida social. Assim, ela se conecta a possibilidade de acesso a «camadas sociais» historicamente alijadas do processo

de escolarização. Na EJA do Colégio de Aplicação, o perfil do alunado é heterogêneo e conectado a toda a região metropolitana do entorno de Porto Alegre. Chegando a ter alunos e alunas de cidades próximas com faixas etárias variáveis entre dezoito e sessenta e nove anos, a maioria, vindos das classes populares. Esses sujeitos possuem trajetórias escolares intermitentes, intercaladas e vivenciadas entre sucessivas idas e vindas à escola. É na configuração dessa retomada da escolarização que a noção de aluno, em suas diversas implicações, me chamou atenção. Principalmente, no fim do trabalho de campo, quando os estudantes se preparavam para a formatura e o recebimento do certificado de conclusão do ensino médio.

Saliento: foi na formatura, como momento de um rito de passagem (VAN GENNET, 1978) que a noção de aluno, em dimensões imprevistas, estabeleceu uma inflexão dentro da etnografia que realizava com os estudantes. Um pouco atrasado quanto a necessidade de flexionar os aspectos que a categoria aluno remetia, tomei enquanto suporte metodológico pensá-los inicialmente separados. Muito mais como um recurso didático à exposição que desenvolvo aqui. No convívio cotidiano com as/os estudantes o termo aluno remetia, de maneira estrita, aos caminhos de retorno e a vivência da escolarização. Durante os dias finais de aula, próximos ao término do ano letivo e a cerimônia de encerramento vários discentes se reuniam entre eles e com os professores para planejar o dia da formatura.

O interessante é que a data, em suas falas e depoimentos, sinalizava o fim da condição de aluno e a assunção deles próprios a condição de indivíduos fora da normatização escolar. Trago abaixo o uma nota do meu diário de campo que reflete, a partir da fala de uma interlocutora, Carol (todos os nomes são fictícios), sobre o significado do ato de formar-se:

*(Diário de campo, terça-feira, 13 de junho de 2017)*

Os alunos e alunas levantam a mão depois de discutir sobre o local da formatura e ausência de uma alternativa ao espaço do colégio. Carol questiona: «Nós somos alunos da UFRGS também, por que temos que realizá-la aqui? Por que não podemos ter uma formatura como na graduação?» Quando a reunião termina, pergunto o motivo de querer que a cerimônia ocorra ali. Ela se emociona, chora, pois na votação ela foi voto vencido e explica sua tristeza: «Eu não sei se vou ter outra formatura, queria que fosse tudo lindo. Mas, aqui não sei. Eu tenho 43 anos. Quando vou me formar de novo? Eles (os colegas) não entendem isso».

Passou-se algum tempo depois da votação, mas ainda fiquei pensando nas palavras de Carol. Soube, por Carla outra das minhas interlocutoras, que a formatura iria contar com um vídeo cerimonial, com fotos de cada estudante. Ela também me relata da homenagem que será realizada para um dos integrantes da turma que faleceu em fevereiro de 2017. Carol chega, e junto com Carla (todos os nomes são fictícios), começa a organizar sua *playlist* de músicas ali mesmo no pátio. Afinal um a um dos participantes entrará com uma música de sua escolha. Fiquei intrigado, Carol me pedia indicações de canções e eu não compreendia bem o que o uso da música significava. Seriam apenas vinte segundos, como isso pode representar alguma coisa? Minhas interlocutoras tentam explicar: «a música inaugura o nosso espaço dentro da formatura». Existia, no calor da explicação, um fenômeno mais complexo, que me remeteu a toda uma economia de atos simbólicos que visam produzir o diploma para além de um mero certificado – se penso com clareza, Carla e Carol insistiam que no momento da formatura o «aluno», como essa categoria homogeneizadora, passava a ser um indivíduo.

Inicialmente, pensar o conceito de aluno, exigi, por parte do trabalho etnográfico, rever o quanto se assinalava sutilmente uma categoria de pessoa, dentro de um contexto específico: a escola. Entretanto, existiam ainda outras facetas, para além de camadas conceituais e semânticas. A vivência da condição de estudante se expressava então por meios materiais, certo conjunto de artefatos que podem ser problematizados como uma *forma de vida material* da aprendizagem. Atuante no condicionamento subjetivo e social do processo de escolarização, pois, adverte e designa materialmente a figura

do aluno em um certo lugar dentro da instituição. Também, na busca de tensionar ainda mais as conclusões, procurei resenhar as técnicas corporais da escolarização que auxiliam – corporalmente – o conceito de aluno a ganhar um peso de disciplinamento nos sujeitos.

## 2. O ALUNO CONSTRUÍDO MATERIALMENTE: AS FORMAS DE VIDA MATERIAL DA APRENDIZAGEM

Começo pensando um pouco acerca de alguns dos materiais que compõem a vida escolar. No entanto, pode-se descrever uma série de artefatos outros que concorrem na promoção da aprendizagem dentro da escola. Sobretudo, porque existe uma *vida material* do aprendizado. Nos anos que passamos dentro das salas de aula, frequentemente, estamos imersos num mundo de *coisas* (INGOLD, 2012) que não apenas fazem parte do contexto, como, em alguma medida, funcionam ativamente na subjetivação que se desenvolve sobre o lugar/significado da noção de aluno.

Vejamos uma cadeira, por exemplo. Ela é um suporte interessante que territorializa o/a estudante, de modo a delimitar a posição de seu corpo, em certa direção, para frente. Ela garante, ao mesmo tempo, um espaço no seu braço estendido sobre o tórax e a barriga do indivíduo, para que ele ou ela possa ter ao seu dispor certo número de materiais escolares:



Figura 1 - A cadeira, foto tirada pelo autor, 26/06/2017.

Decorre que a cadeira, em sua forma material, alia-se a um modelo de ensino que implicitamente argumenta em prol de um corpo ajustável e orientado para os meios visuais e auditivos de aprendiza-

gem (ver e ouvir). Ela designa o lugar dos/das discentes e fixa, em sua formatação de metal, plásticos e parafusos, uma direção. Segundo uma perspectiva foucaultiana, a cadeira seria um dos instrumentos fundamentais da docilização dos corpos, pois institui uma técnica de controle e vigilância (FOUCAULT, 1997). Dela se deriva uma eficiência disciplinar:

[...] manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão; deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez. O mestre ensinará aos escolares a postura que estes devem manter ao escrever, e a corrigirá, seja por sinal, seja de outra maneira, quando dela se afastarem. Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente (FOUCAULT, 1997: 130).

Mas, talvez algo possa ser acrescentado nessa interpretação. Também se pode pensar que, para além de uma afixação territorial desses sujeitos, a cadeira torna-se uma «armadura» do/da estudante. Nela escondem-se os chicletes mastigados, rabiscam-se ideias, as colas na hora da avaliação, desenhos «obscenos» e, como uma fica atrás da outra, acabam por favorecer a existência de uma socialidade no compartilhamento de uma posição dentro do espaço social da aula. Os/as estudantes são alunos por que se sentam nas cadeiras. Outros artefatos estudantis operam, junto com esse assento territorial, o sentido de produzir uma identificação subjetiva – que tanto explica uma «dominação», quanto modaliza o surgimento de sujeitos criativos: os cadernos.



Figura 2 - O caderno que sorri. Foto tirada pelo autor  
26/06/2017.

Nele encontram-se as anotações e orientações que são tomadas durante a aula. Ele, como um suporte de aprendizagem, funciona na duplicação das funções cognitivas da memória e da atenção. Mas, os cadernos sempre estão excedendo os objetivos puramente utilitários. Os/as estudantes escre-

vem os números de telefone, desenham os professores ou colegas, ou simplesmente, rabiscam. No interior da vida escolar, eles representam também a principal ferramenta de subjetivação da cultura escrita, e possibilitam aos professores monitorar os «processos de ensino-aprendizagem».

Lembro-me que, no ensino fundamental, entregávamos os cadernos à professora para que ela escrevesse, no canto esquerdo superior da página do exercício feito, o seu visto. No entanto, se alguém for examinar os cadernos e anotações dos alunos e alunas da EJA, irá encontrar claros registros de individualidade, letras de músicas, palavras soltas que um professor falou; datas, frases desconexas de um assunto, rascunho de redações, enfim uma série de «tentativas e sucessos» de escrita. Em suma, o caderno, com sua celulose, linhas lineares, é um espaço de individualização da aprendizagem.

Pode-se conectar o assunto desse espaço criativo simbolizados pelo caderno com outros materiais que são subentendidos ou pouco vislumbrados enquanto inscrições materiais que agenciam certo conceito de aluno. São exemplos disso os estojos, canetas, lápis e toda série de artefatos utilizados para protegê-los das intempéries e transportá-los de um lugar ao outro, como pastas, mochilas e bolsas:



Figura 3 - Uma pasta sobre a cadeira. Foto tirada pelo autor, 26/06/2017.

Toda essa vida material serve ao propósito de inscrever o aluno na escola. Quando se pensa sobre a figura de um estudante colegial dirigindo-se às suas aulas, imaginamos, isto é, fabricamos certo conjunto de associações, e daí retira-se uma imagem de um indivíduo portador (a) de uma mochila, com lápis, canetas e estojos. A ideia que eu retiro desse imaginário é que esses materiais escolares garantem uma homogeneidade à noção de aluno e, por seu turno, permitem o reconhecimento desses sujeitos frente aos demais espaços sociais que ele ou ela ocupa, principalmente, no interior da instituição de ensino

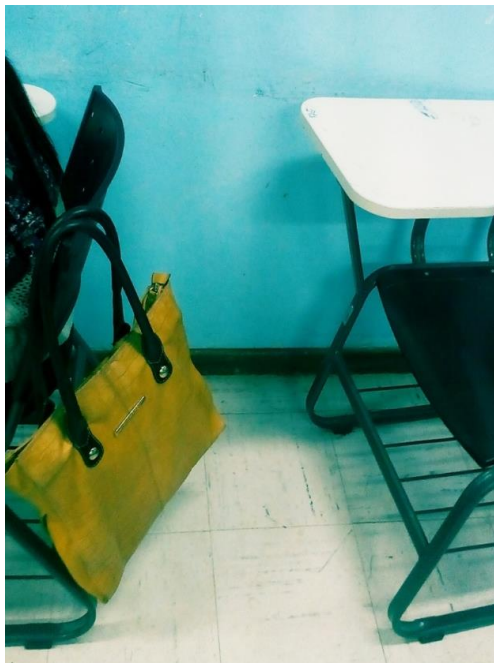


Figura 4 - A bolsa amarela. Foto tirada pelo autor,  
26/06/2017.



Figura 5 - Estojo, lapiseira e caderno. Foto tirada pelo  
autor, 26/06/2017.

Na realidade, penso, a partir das contribuições de Tim Ingold, que essas «coisas de estudante» possibilitam que os indivíduos habitem a escola – garantindo-lhes sua presença. O autor aponta que:

[...] a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem neles contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012: 29).

Por essa razão é difícil não pensar que a *vida material* da aprendizagem escolar, por mais que subsista em intentos de «fabricar corpos e estabelecer formas de assujeitamento», não se abra às possibilidades criativas que os/as estudantes estabelecem para habitar suas relações com a escola. As coisas, nas imagens expostas aqui, revelam sutilmente que os materiais escolares operam no agenciamento das aprendizagens – o lápis, a quem fomos apresentados no início da alfabetização, ou antes, nos ensina o movimento pinçado que os dedos devem compor na imitação de uma escrita pré-formatada e articula a subjetivação da caligrafia pelo traço inscrito no papel. Vamos sendo alguma coisa junto com o lápis, a escrita e a aprendizagem que ela sucinta.

### 3. AS TÉCNICAS CORPORAIS DA ESCOLARIZAÇÃO E OS MODOS SOMÁTICOS DA ATENÇÃO

A escolarização em seus artefatos característicos expande uma noção de aluno e engendra, por meio de seus objetos e de sua normalização, uma série de *técnicas corporais da escolarização*. Para Marcel Mauss, etnólogo francês, as técnicas do corpo falam sobre o modo como cada sociedade sabe «servir-se de seu corpo» (2011: 401). Não é algo muito diferente quando se pensa a presença do corpo dentro da escola – as vestimentas usadas, o jeito que se segura uma caneta, a ideia de um corpo voltado para frente, à disposição de um «trabalho sentado» (ANDERSON-LEVITT, 2003:5) que alunos e professores se veem repetindo.

Mas, as técnicas corporais da escolarização são um tanto mais específicas, pois traduzem as maneiras pelas quais a escola «encarna-se» no corpo e nele produz formas de aperfeiçoamento. Aqui, o costume de se sentar para escutar as palavras do professor ou professora, é um procedimento social, materialmente estipulado, que visa modular a atenção dos olhos e ouvidos, bem como assessorar o docente em uma visão panorâmica da aula. Cabe nessa linha de raciocínio propor que a escola, nas técnicas corporais que programa, constrói *modos somáticos de atenção* (CSORDAS, 2008).

Para o antropólogo estadunidense, o corpo é a base existencial daquilo que chamamos de «cultura», portanto: «[...] a experiência corporificada é o ponto de partida para analisar a participação humana no mundo cultural» (2008: 368). Dentro dessa perspectiva fenomenológica, ele produz uma definição dos *modos somáticos de atenção*: «[...] maneiras culturalmente elaboradas de estar atento a e com o corpo em ambientes que incluem a presença corporificada de outros» (*id.*, *ibid.*: 372).

A sala de aula enquadra-se bem nessa acepção. Nela, é possível observar, perante uma coletânea de presenças corporais, o modo como cada corpo está atento ao outro. Em especial, o corpo do professor que é acompanhado pelos olhos e pelos ouvidos.

Em meu diário de campo, acompanhei uma aula de história interessante, bem no momento em que o professor apresentava uma crítica à reforma trabalhista e a terceirização em meio à efusão de diálogos da turma, algo nos comportamentos corporais se modificava:



(*Diário de campo*, quinta-feira, 23 de março de 2017)

[...] Quando o professor esboça sua análise e procura articular o tema da aula com o mundo político brasileiro da atualidade, alguma coisa acontece nos corpos. O envolvimento dos estudantes muda. Eles sentem-se movidos pelas palavras do docente. Suas posições corporais mudam, sentam-se mais inclinados para frente. Os olhos se abrem em clara anuência ao que era falado, os cadernos são abertos e mãos tateiam as canetas. A disposição dos braços também muda: ambos voltados para frente. Esse efeito da aula, sobre os alunos, não é só semântico, quanto é corporal.

Também é relativamente comum considerar que ficar sentado é a mesma coisa que ficar parado. Entretanto, as/os discentes, não param efetivamente de se mexer e de pensar com seu corpo – ou mais claramente, de aprender a partir dele:

(*Diário de campo*, segunda-feira, 03 de abril de 2017)

As mãos tocam a folha. Dois dedos apoiam a caneta de Vitor e com os três restantes ele escreve. A caneta desliza no papel, segue as pautas, as linhas pré-fabricadas que o caderno tem, azuis. Vitor olha a folha mais de perto. Os professores, em sua maioria, repassam nas aulas Trabalhos Dirigidos (TDs) e exercícios escritos para os/as estudantes. Talvez, porque a EJA careça de livros didáticos específicos. Vitor, então continua, eu o observo, ele procura alguma coisa no texto escrito, uma palavra. Ele a encontra e a cópia no caderno. Estou na terceira cadeira da última fila, no fundo da sala, e Vitor está quase ao meu lado.

Desfoco a minha atenção do meu colega de carteira e olho os demais, tenho uma visão ampla da sala. Percebo que mesmo sem fazer barulhos perceptíveis, os/as alunos/alunas nunca param por completo. Agitam os pés quando fazem um exercício, movimentos de nervosismo ou atos involuntários. Reformulam constantemente a postura de suas costas para ficar mais confortáveis na cadeira. Mexem a cabeça de um lado para o outro, a fim de relaxar a tensão. A primeira aula termina e junto com a professora chega uma sentença que outra vez me remete à presença do corpo. A docente fala: «Olá pessoal, hoje, não tirem os olhos de mim». A alusão ao campo perceptivo da visão é uma das principais técnicas da educação corporal das atenções.

É possível inferir a constância desse fluxo material de coisas que se fazem presente na aprendizagem, e que orientam esses processos, instigando-os em moldes condicionantes como uma folha retangular, com algum texto escrito, com linhas para se escrever a resposta ou quadrados brancos em que se pode esboçar um pensamento. Tudo isso é implicitamente coordenado na esquematização das habilidades cognitivas que são tomadas, quase que exclusivamente, nas teorias clássicas da aprendizagem, enquanto maneiras de colocar o cérebro para funcionar. Mas, perceber como corpo é todo implicado, e também as fontes materiais dessa aprendizagem, produz formas de se estar atento ao mundo e às outras subjetividades. Ainda seguindo a teorização de Csordas, é possível observar que os modos somáticos visam produzir *sensibilidades interativas* (2008, p.373); nesse sentido, as técnicas corporais, por mais que se esforcem em apostar em habilidades cognitivas, geram, à revelia de suas intenções, engajamentos corporais.

### 3. CONCLUSÃO: O ALUNO SUBJETIVAMENTE CONSTITUÍDO

É relativamente difícil compreender o modo como algumas categorias sociais, usadas do ponto de vista «nativo» dentro de certo campo de relações sociais, ganha vida. Quando se reflete sobre o processo de escolarização por outros meandros que não aqueles convencionalmente expostos no cenário educativo, tem-se a dimensão subjetivamente produzida e êmica (ROSA; OREY, 2012) das práticas conceituais que lhes são características. A experiência de «ser e deixar de ser» aluno que os/as estudan-

tes da EJA vivenciavam era, em alguma medida, uma forma de constituir laços sociais e ao mesmo tempo, estabelecer novas maneiras de se relacionar com os desafios da vida estudantil. Assim, ao designar-se e pensa-se como alunos e alunos ressoavam modos diferenciados de se reconhecer naquela condição (intermitente) de estudante, já que suas trajetórias exibiam uma «fragmentação» das tentativas de retorno à escola.

A questão teria um peso específico, pois, ao longo do texto pretendi demonstrar que as interfaces e dimensões que a noção de aluno estabelece é provisionada nos significados, artefatos e nos corpos desses sujeitos. Acumulando camadas, não apenas semânticas, mas também práticas que condicionam processos de aprendizagem e conferem disciplinamentos. Marilyn Strathern (2014), em seu texto «A pessoa como um todo e seus artefatos», combina materiais etnográficos e históricos (respectivamente do início e dos meados do século XX) de Londres e Papua-Nova Guiné, para propor que um campo de práticas culturais, situados em contextos diferentes, produzem variados delineamentos do que seja uma pessoa. Da mesma maneira, a categoria aluno assume, agenciamentos distintos, mas que implicam uma totalidade.

Cabe na reflexão apontar que a noção de aluno possa ser reconfigurada a partir da noção de pessoa, cuja a definição serviu em posição basilar do próprio desenvolvimento da antropologia. Desse modo, a categoria poderia ser justaposta como mais uma das facetas histórico-sociais da categoria de pessoa resenhada por Marcel Mauss (2011). O aluno, seria, em determinada perspectiva, um conceito de pessoa «em escolarização» (SACRISTÁN, 2005). Talvez, caiba ainda, pensá-lo enquanto um protótipo da ideia de «índividuo» tomando como plano de fundo as reflexões de Louis Dumont (1987) sobre o individualismo moderno. A própria escola, pode-se dizer, é uma instituição fundada dentro de certas inspirações e características da modernidade.

Entretanto, menos do que uma forma de manejar a categoria aluno no debate antropológico, gostaria de insistir que essa designação é sempre fluída e operatória. Concorre-se na definição de aluno e aluna modos de acionar, transformar e conformar subjetividades. O aluno é construído nesses empreendimentos corporais, somáticos e materiais. É uma categoria que foi sendo produzida ao longo da difusão da escolarização: o aluno é um todo, peça por peça de suas práticas, de seu corpo e de sua subjetividade. Entretanto, ele também é o desvio que elas ensejam. Em suma, o/a aluno/a designa o corpo presente na escolarização e na aprendizagem, é a forma de uma conduta corporal, de um modo de atenção e um sujeito que habita (constrói) sua escola. A noção de aluno acaba por ser diversamente reconstituída conforme diferentes suportes sejam ou não acionados, revelando assim, curioso potencial heurístico para a reflexão antropológica da escola.

#### 4. REFERÊNCIAS

ANDERSON-LEVITT, K. (2003). *A Word Culture of Schooling?* In: ANDERSON-LEVITT, K. (Ed.) Local Meanings, Global Schooling: Anthropology and Word Culture Theory. New York: Palgrave Macmillan, 2003, pp. 1-26.

CSORDAS, Thomas. (2008). *Os modos somáticos da atenção.* In: *Corpo/Significado/Cura.* Porto Alegre: Ed. UFRGS, pp. 367-393.

DUMONT, Louis. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.* Rio de Janeiro: Rocco.

FOUCAULT, Michel. (1997). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

INGOLD, Tim. (2012). *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.18, n. 37, pp. 25-44.

MAUSS, Marcel. (2011). «As técnicas do corpo». In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 399-422.

MAUSS, Marcel. (2011). «Uma categoria do espírito humano»: a noção de pessoa, a noção de Eu. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 367-398.

PAIVA, Jane. (2009). *Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP et Alii.

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. (2012). O campo da pesquisa em etnomodelagem: as abordagens ética, êmica e dialética. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.38, n. 4, pp. 865-879.

SACRISTÁN, Gimeno. (2005). *A invenção do aluno*. Porto Alegre: Artmed.

STRATHERN, Marilyn. (2011). «A pessoa como um todo e seus artefatos». In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 487-509

VAN GENNEP, Arnold. (1978). *Ritos de passagem*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes.